



Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales

CLACSO

José Eduardo Gama Noronha

**Eu Reconheço o Estatuto da Criança e do Adolescente -
EURECA**

Subjetivação política na ação coletiva

**Trabalho de Conclusão de
Curso desenvolvido para a
Especialización y Curso
Internacional en Infancias y
Juventudes do CLACSO.**

Santos

2019



Resumo

Crianças e jovens vêm, historicamente, sofrendo um processo contínuo de recusa da legitimidade de seus gestos, vozes e expressões por parte do mundo adulto. A partir da Convenção sobre os direitos da Criança a noção "sujeitos de direito" contribui para uma revisão sistemática desse lugar e na aposta de novas formas de participação infanto-juvenil em espaços públicos e políticos. Este trabalho se propõe a cartografar o processo de subjetivação política de seis integrantes do Bloco EURECA, moradores do município de São Vicente, Brasil, a partir de entrevistas com estes e da imersão do autor nos processos de construção, formação e realização do Bloco. O trabalho conclui que o EURECA é um campo de ação coletiva importante na subjetivação política de crianças e jovens, pois produz acontecimentos que colocam as crianças e jovens como sujeitos políticos ativos e abrem caminho para outros modos de relação entre crianças, jovens e adultos.

Palavras-chave: crianças; jovens; EURECA; subjetivação política.

Resumen

Los niños y jóvenes históricamente han sufrido un proceso continuo de negación de la legitimidad de sus gestos, voces y expresiones por parte del mundo adulto. Desde la Convención sobre los Derechos del Niño, el concepto de "sujetos de derechos" contribuye a una revisión sistemática de este lugar y en la apuesta en nuevas formas de participación de niños y jóvenes en espacios públicos y políticos. Este trabajo propone mapear el proceso de subjetivación política de seis miembros del Bloque EURECA, residentes del municipio de São Vicente, Brasil, a partir de entrevistas con estos y la inmersión del autor en los procesos de construcción, formación y realización del Bloque. El estudio concluye que EURECA es un importante campo de acción colectiva en la subjetividad política de los niños y jóvenes porque produce eventos que colocan a los niños y jóvenes como sujetos políticos activos y abren camino a otros modos de relación entre niños, jóvenes y adultos.

Palabras-clave: niños; jóvenes; EURECA; subjetivación política.

I – Introdução

1.1. Apresentação de uma busca.

Entre os anos de 2018-2019, os coletivos que cuidam da elaboração do Bloco EURECA (Eu Reconheço o Estatuto da Criança e do Adolescente) decidiram que o tema da mais recente edição seria “Crianças e Jovens pela construção da cultura e dos direitos sociais”. Tal tema afirma uma posição e compreensão positiva em relação ao estatuto ontológico e político das crianças e jovens, bem como se posiciona politicamente diante dos perenes golpes que continuam a acirrar as desigualdades sociais e a varrer o que resta das frágeis democracias latino-americanas (Sáinz, 2009). Também decidiram começar um resgate e preservação das produções do Bloco no decorrer dos anos. Da coleta de dados a escrita, esse trabalho se encaixa nesse projeto.

1.2. Infâncias e juventudes brasileiras – Brevíssima genealogia.

*Um dia ancorou caravelas, com elas a dominação/
O metal abundante revela, a pilhagem e inquisição/
Catequese é pretexto cristão, para defender seu serviu/
Índios, negros, crianças e escravos/
Entre a cruz e a espada Brasil.*

(EURECA São outros 500 - trecho do Samba Enredo de 1993)¹

Seguindo nas trilhas de Ariès (1978), que data a descoberta da infância no século XVIII, as pesquisas que se seguiram fundamentalmente o acompanharam em pelo menos um sentido: tenha sido a infância descoberta ou inventada, seja no século que Ariès nos indica ou não, a infância perdeu seu caráter essencialista e passa a se apresentar no plural e como devir. O mesmo viria a acontecer com a juventude/adolescência, mas mais tardiamente (Ex: Bourdieu, 1990, Feixa e Leccardi, 2010).

No caso brasileiro, a infâncias e juventudes sofrem sua primeira violência com a chegada dos portugueses. As populações indígenas passam a ser escravizadas e exterminadas paralelamente a um processo de colonização das culturas e corpos via catequização e disciplinamento. Com a escravização dos

¹ As letras dos sambas-enredo do EURECA podem ser encontrados na dissertação de Fernandes (2016), com exceção dos anos de 2017, 2018 e 2019. Ainda, um coletivo do Centro de Defesa de Direitos da Criança (CEDECA), de Sapopemba, fez o esforço de reunir algumas gravações dos sambas em uma plataforma virtual, que podem ser acessadas pelo link: <https://soundcloud.com/blocoeureca>.

povos africanos e a intensificação do comércio escravagista, as crianças negras, escravizadas, são forçadas a trabalhar logo que possível ou são tratadas como pequenos animais de estimação pelos brancos (Leite, 2016).

Com o avanço da modernidade, a roda dos expostos passa a ser o exemplo paradigmático da condição infante pobre e negra. Roda na qual as crianças indesejadas eram colocadas para serem cuidadas pelas Santa Casa da Misericórdia (Corazza 1998). Os que chegavam a juventude passavam a trabalhar para o exército em oficinas e estaleiros.

No século XX, o higienismo, armado com elaborados discursos médico-biológicos, psico-pedagógicos e sócio-assistenciais, figura como o pilar que sustentará as práticas de controle dos corpos infantis e juvenis, com o foco das intervenções passando para a maternidade e o cuidado com o contexto das crianças. Seguindo a Convenção de Genebra, o Brasil elabora o Código de Menores (1927) que põe em prática a doutrina jurídica do *menor em situação irregular*. Esta doutrina situava os chamados menores (crianças e adolescentes com até 18 anos) em regulares (aqueles salvos de qualquer perigo moral ou privação de condições essenciais) e irregulares (aqueles que apresentavam desvios de conduta ou perigo moral à sociedade).

Após o golpe militar de estado de 1964, o Brasil passou vinte e um anos sob controle de forças que estabeleceram um estado repressor a qualquer movimento de resistência a política ditatorial. Dentre as grandes reformas políticas realizadas pelos generais está o Código de Menores de 1979, que continuava a doutrina da *situação irregular*. Tal legislação era uma arma jurídico-moral, de tom criminalista, higienista e assistencialista, cuja principal preocupação era dar sustentação ao “problema” de infratores, autorizando o Estado a corrigir, encarcerar, torturar e matar crianças e jovens que não se adequassem a norma (Perez; Passone, 2010). Uma das populações mais afetadas por essa política de extermínio foram as crianças e adolescentes que faziam da rua seu espaço de sobrevivência e existência, fenômeno que entrava em cena, no mundo, devido ao grande número visível nas ruas das grandes cidades.

“Não vou abordar aqui a questão estatística, pois entraria em um terreno muito complicado, mas sugiro que são muitas crianças na rua. Basta olhar em volta, parar

em um sinal de trânsito, ou sentar em um bar com cadeiras nas calçadas para notar sua presença.” (Oliveira, 2004). p. 35)².

Neste contexto surgem movimentos que passam a defender pautas específicas aliadas a tentativas de redemocratização. No campo das infâncias e juventudes, o Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua (MNMNR)

“nasce dessa contextura política e social no intuito de defender para os meninos e meninas vitimados, socialmente, os direitos inerentes a sua condição humana, com clara possibilidade de eles virem a existir como sujeitos que fazem parte de uma sociedade” (Pereira, 2011. p. 125).

Seu objetivo é a “organização e conscientização dos meninos e meninas de rua, passeatas e ocupações de órgãos públicos” (Pereira, 2011), assim como encontros nacionais, protagonizados por crianças e adolescentes.

*Foi no encontro em Brasília/
De meninos e meninas/
Que o Estado esqueceu.
Como resposta/
Ocupamos o CONGRESSO/
Pra ter voz, vez e acesso/
O Estatuto então nasceu/*

(EURECA 25 ANOS Contra a invisibilidade que nos fere, pela visibilidade que nos fortalece - Trecho do Samba-Enredo de 2016)

Como proposta educativa, o movimento seguiu no bojo da então fervilhante invenção da Educação Social de Rua (Graciani, 1997; Oliveira, 2004), que tinha como estratégia o encontro entre crianças e jovens em situação de rua com educadores que, ao invés de retirá-los de seus lugares de vida, realizariam intervenções educativas na rua, produzindo projetos de vida que tivessem como propósito a emancipação dos envolvidos.

O MNMNR participou do processo da construção da nova Constituição Federal de 1988 e do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e permaneceu sendo um importante ator no controle da implementação do ECA, via a

² Logo antes o autor propõe um contraponto: enquanto na década de 80 se discutia a provável existência de milhões de crianças em situação de rua, na cidade de São Paulo (território com um grande número de crianças nesta situação até hoje), o Estado afirmava haver cerca de 300. Os últimos dados estatísticos no Brasil datam de uma pesquisa realizada pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente em 2011 e indicam uma população de cerca de 23 mil crianças e adolescentes em situação de rua.

publicação de estudos e a participação ativa nos então recentes Conselhos de Direitos (MNMRR, IBASE e NEV-USP, 1991).

O ECA é um grande marco jurídico brasileiro, pois, baseando-se na Convenção sobre os Direitos da Criança (ONU, 1989), compartilha com esta uma perspectiva de proteção integral a infância e juventude, assim como uma compreensão crianças e adolescentes como “sujeitos de direito”, inédita no contexto do país e que assegurava as crianças, no ponto de vista legal, “todas as oportunidades e facilidades” (Brasil, 1990), reconhecendo-as como cidadãos, ainda que em situação especial³, que deveriam participar das questões públicas e políticas que lhe dizem respeito. De todo modo, como nos indica Castro (2013),

“Concedidos por seus representantes, (...), os direitos das crianças não propiciaram um entendimento claro, do ponto de vista das próprias crianças, sobre quais eram as opressões as quais estavam submetidas, e em que direções gostariam de ver tais relações transformadas.” (p.92).

Similarmente, as juventudes brasileiras ganharam, em 2006, seu próprio estatuto que atribui aos jovens pela primeira vez em uma legislação brasileira a condição de “sujeitos de direito” e elabora com mais profundidade as consideradas particularidades dessa etapa da vida, principalmente a relação com o mundo do trabalho. Este estatuto segue na linha dos estudos recentes sobre as juventudes (Feixa, 2006; Feixa, Fernandez-Planells e Figueras-Maz, 2016), ressaltando a pluralidade e a historicidade destas.

Para além do plano legal, crianças e jovens passaram a ocupar um lugar singular no contemporâneo, em especial no que diz respeito a questões políticas (Vommaro, 2014), colocando em jogo diferentes formas (algumas já conhecidas, outras inovadoras) de pensar e fazer política⁴. Com isso, é possível apontar rompimentos e resistências em relação as históricas visões adultocêntricas que

³ Talvez a questão mais espinhosa do ECA seja a de que, ao mesmo tempo em que afirma a condição das crianças e adolescentes como sujeitos de direito, em sua aceção liberal, ela logo a compromete, pois considera que uma das características da condição ontológica destes sujeitos é a vulnerabilidade. Deste modo, como “não existe plena capacidade jurídica para a criança e o adolescente, que não exercem, portanto, plenamente, todos os direitos de que são formalmente titulares, a ‘expressão ‘sujeitos de direito’ deve ser entendida com algumas ressalvas” (Cappi, 2003. p. 167-168)

[Cappi, R. (2003). Sujeito de direito e prática educativa. Em: Bianchi, A (Org). (2003). *Plantando Axé: uma proposta pedagógica*. São Paulo – Cortez].

⁴ Vide a Primavera Árabe, os movimentos Ocupa (americanos, espanhóis e brasileiros), os secundaristas latino-americanos e o 15M, para citar alguns.

as invisibilizam, despolitizam e romantizam (Mintz, 2008), subalternizando suas formas de pensar e agir fora dos discursos normativos (Graffigna, 2005).

1.3. “O EURECA vêm aí, o EURECA vêm aí!”

“Em 91 nós começamos a preparar o Bloco, o grande desafio era: nós temos que divulgar o Estatuto da Criança e do Adolescente pra sair do papel, ir pra rua, ir pra avenida. De que maneira? Foi aí que surgiu o evento do carnaval como um estímulo, como uma estratégia para mobilizar a opinião pública em defesa dos direitos humanos de crianças e adolescentes. (...) Quando nós íamos fazer o primeiro desfile na Marechal, por incrível que pareça, nós temos isso registrado em vídeo, a população fechou as portas, porque passaram lá um documento na época dizendo o seguinte: que o pessoal tava descendo os meninos de rua, que ia fazer saque nas lojas da Marechal, então diversas pessoas baixaram as portas. (...) Hoje é o contrário, hoje quando o EURECA sai, as pessoas param, as pessoas que estão trabalhando dentro das lojas vem pra frente pra sambar com o EURECA e dizer não a violência contra as crianças brasileiras.”⁵

-Markinhus

Seguindo a aprovação do ECA e atentos a necessidade de transformação das relações de opressão das infâncias e juventudes, o Projeto Meninos e Meninas de Rua (PMMR), entidade que integrou o MNMMR e atua com crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de São Bernardo, começou sua preparação para protagonizar o primeiro EURECA, em 1992. O Bloco, como indica seu nome, tem o propósito de levar as ruas e dar visibilidade ao ECA, com intuito de fazer este ser conhecido e reconhecido pela população em geral como dispositivo legítimo de proteção as infâncias e juventudes. Para isto coloca como protagonistas do processo de produção do Bloco crianças, adolescentes e jovens e faz uso de ferramentas carnavalescas, como figurinos, grupos de percussão e adereços que, combinados a um samba enredo temático, dão um tom de ludicidade e de luta. De grande importância para o Bloco, o samba enredo é pautado por uma temática que muda anualmente, tendo afinco com questões relacionadas ao contexto brasileiro, a democracia, aos direitos humanos e as vidas das várias infâncias e juventudes. Os temas vão desde o reconhecimento do ECA, a fome, o combate ao trabalho infantil, questões étnico-raciais, a invisibilidade das infâncias, dentre outros⁶ e tem como eixos transversais a

⁵ Trecho de uma entrevista concedida pelo educador Marco Antônio da Silva Souza para a Rede TVT. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=rVTmoSEcegY>

⁶ Para relação das temáticas do EURECA até 2016, vide a dissertação de Fernandes (2016).

discussão do lugar das crianças e dos jovens na dimensão política, participativa e de ocupação da cidade.

Desde então, o EURECA vem sendo realizado anualmente, tendo ido as ruas de diversos municípios brasileiros (São Bernardo, São Paulo, São Vicente, Campinas, Guarulhos), contando com a participação de coletivos e organizações que atuam com crianças, adolescentes e jovens, em sua grande maioria da sociedade civil e de trabalhadores de políticas públicas da infância e juventude.

O EURECA pode ser pensado como tendo uma configuração próxima a dos chamados novos movimentos sociais, tendo uma questão de defesa identitária no seu cerne e mais preocupado em manter viva a legitimidade do ECA e levantar bandeiras de reformas institucionais (ou como indica um de seus sambas, "Para as estruturas do Estado sacudir") relacionadas as temáticas que discute, do que necessariamente fazer uma revolução estrutural. Dito isso, parece ao autor deste trabalho que os dispositivos carnavalescos, o processo de formação, construção e a estética das ruas do Bloco o caracterizam, também, no que Juris, Pereira e Feixa (2012) vem chamando de novíssimos movimentos sociais, horizontalizando cada vez mais os processos de construção do Bloco e as tecnologias digitais e redes sociais tendo papel importante no fortalecimento entre os coletivos e na divulgação das formações e saídas às ruas.

Justamente por ter em pauta sempre a questão da não naturalização do lugar das crianças, dos adolescentes e dos adultos, o EURECA se configura como um movimento que não necessariamente possui uma liderança específica, ainda que tenha na figura de seus fundadores (o PMMR) uma coordenação que impede que o caráter político de resistência e luta seja cooptado por organizações que queiram caricaturar o movimento.

Destaca-se que EURECA é um dos poucos movimentos populares/sociais com intuito de discutir os direitos das crianças e jovens no Brasil e, especialmente, que tem na própria figura destes os principais propositores e organizadores.

Desde 2006, o Instituto Camará Calunga, organização de defesa dos direitos humanos de crianças e jovens, no município de São Vicente (Brasil), tornou-se realizador do desfile do EURECA. Em 2015, a Câmara Municipal de São Vicente aprovou e o Prefeito Municipal sancionou, no dia 18 de Maio de 2015, a lei 3329-A que inclui no calendário oficial de eventos do município o desfile do Bloco

EURECA como evento de mobilização pela garantia dos direitos humanos da crianças e dos adolescentes. Este trabalho tratará especificamente da experiência de crianças e jovens participantes do EURECA que integram o Instituto Camará, o que não significa dizer que tratará somente do desfile que ocorre em São Vicente, pois as organizações que compõem o Bloco participam ativamente do desfile que acontecem nas diferentes cidades.

II. É na busca que se fez uma meta.

2.1 O lugar que ocupo, a pesquisa que daí surgiu.

Como citei no início, no último ano os coletivos envolvidos com o Bloco decidiram iniciar um resgate das produções já realizadas. Isso criou um ambiente no qual eu, como educador de uma instituição integrante do EURECA, poderia inserir a pesquisa no movimento, de forma que passei a entender a pesquisa como uma cartografia (Barros e Kastrup, 2002), como algo produziria efeitos (Kastrup e Passos, 2013) e, nesse caso, já os produzia. A proposta da etnografia de lugares-eventos, como conceituada por Borges (2003) e nos escritos de Bonvilanni (2013), também foi de grande importância para demarcar dos diferentes momentos de construção e realização do EURECA.

Como subsídio principal para o trabalho foram realizadas três entrevistas com integrantes do Instituto Camará Calunga que ativamente participam do Bloco EURECA: com uma jovem (**S.**), negra e um jovem (**C.**), branco, ambos de dezenove anos, que integram o Bloco desde sua infância e passaram por diversos momentos e lugares da construção e realização deste; com uma adolescente (**A.**), branca, de 13 anos e um adolescente (**F.**), negro, de 15 anos, ela integrante recente do Bloco e ele participante desde criança, agora na condição de membro do Grupo Percussivo; com uma menina (**B.**), negra, de 10 anos e um menino, (**D.**), branco, de 11 anos, ambos participantes há anos do Bloco e membros do Grupo Percussivo.

Como aportes teóricos para análise, dei destaque a Rancière (2009, entre outros) e Bonvillani (2010, entre outros), bem como outros pesquisadores da área da infância e juventude. Quanto ao conceito de subjetivação política, o qual dispara as conexões a serem realizadas, segui Bonvillani quando faz uso deste de modo a

“visibilizar las modalidades a partir de las cuales se tensionam la subjetividad, la política y los procesos de inclusión/exclusión que operan en el marco del capitalismo en la actualidad, mostrando el desenvolvimiento de la sujeción a un orden social, pero también las posibilidades de emancipación subjetiva de los jóvenes”. (2010. p. 28)

Para dar imagem ao que foi descrito e será apresentado adiante, algumas fotos foram anexadas ao final do trabalho (ANEXO 1).

2.2 O problema das vozes.

“Você vai fazer um uso das nossas falas, não é isso?”. Essa pergunta, feita por uma das adolescentes antes da entrevista colocou em evidência uma questão: de fato eu faria um uso das vozes das crianças e jovens, mas qual? A saída mais consistente que consegui pensar foi escrever em primeira pessoa. Uma saída que, pouco resolvendo o problema, possibilitou, pelo menos, que as vozes das crianças e jovens fossem não fossem postas inteiramente a serviço de um sujeito misterioso e impessoal, nem de uma obscuridade acadêmica.

As vozes (entrevistas) gravadas para este projeto, serão as primeiras do Bloco a comporem um arquivo aberto a consulta e, deste modo, a terem uma casa (Sosenski, 2016), aberta a quem desejar escutá-las, tendo a “posibilidad de que las voces infantiles que hemos logrado recuperar, sigan hablando más allá de su presente, más allá de nuestra mirada” (p. 50).

III. EURECA - Subjetivação política na ação coletiva.

3.1 Formação, ou “ o que tá acontecendo na atualidade e o que de certa forma acaba incomodando as pessoas e faz com que elas discutam mais sobre isso”.

“Tem todo um cronograma de todas as cidades que vai acontecer, os grupos que vão participar, datas de reuniões, que grupos que vão integrar um ao outro, como vão fazer o processo de barracão, ensaio de bateria, agregar as baterias, as alas e tudo mais. Tem toda essa preparação, isso começa tipo desde o EURECA que tá acontecendo pra acontecer no EURECA que vai acontecer ainda (...) pra não ficar uma coisa muito em cima, ficar uma coisa bem feita e bem organizada.” (C, 19 anos).

Toda realização do EURECA conta com uma preparação que precede a saída as ruas. Antes de qualquer coisa, são realizados encontros entre os coletivos integrantes para que seja decidida a temática que pautará o Bloco no ano seguinte.

“Uma das coisas assim que é legal principalmente pra que o EURECA realmente aconteça, tem que ter o tema e não vem dos educadores, pode ser que venha, mas tem muita participação dos adolescentes e das crianças que realmente ajudam na organização” (S, 19 aos).

Estes encontros consistem em rodas de conversa em grupos que misturam crianças, jovens e adultos, compreendendo que cada participante contribuirá no levantamento de problemas que

“precisam ser discutidos pras pessoas saberem que tem gente querendo lutar por essas coisas e que esses direitos sejam assegurados. Por exemplo: nesse ano que foi “Crianças e jovens pela construção da cultura e dos direitos sociais” que é isso, a gente acha importante que as crianças e jovens estejam na construção de tudo (...)” (F. 15 anos)

Como exemplo deste processo, a decisão do tema de 2018 foi realizado em um encontro entre adolescentes do estado de São Paulo, na cidade de São Carlos. Após dias de convivência e discussões acerca do contexto de seus territórios e de suas experiências de vida, deliberaram em assembleia que o tema do ano seria “Lutando pela diversidade, respeito e igualdade”.

Após a decisão do tema,

“a gente divide os dias de formações: tem as formações dos adolescentes e das crianças, dos educadores e a formação geral e a partir daí a gente vai montando o EURECA. Lá em São Bernardo e depois de lá a gente volta pra nossa cidade e faz o nosso. No caso aqui de São Vicente a gente faz primeiro que eles (de São Bernardo)”. (S, 19 anos)

Estes encontros de formação tem o propósito de aprofundar a reflexão sobre a temática definida, relacioná-la com o a história e o processo de luta das crianças e jovens pela garantia de direitos e assim preparar os integrantes do Bloco para que estejam engajados criticamente com a temática (Sosenski, 2015), o que subsidia a construção do samba-enredo e pode garantir uma presença mais implicada nos desfiles. Aqui aparece uma particularidade do processo. As crianças e jovens envolvidos, em sua maioria, se não totalidade, passam por processos de formação e acompanhamento nas respectivas organizações que integram. Refletindo ainda um tanto do processo de resistência que deu origem ao ECA, a mobilização política do Bloco está ligada diretamente a relação entre educador e educando, e é a partir dessa relação de escuta e troca e das ações decorrentes dela que os envolvidos se constituem

como sujeitos, tendo em vista que “somos um sujeito naquelas situações em que nossas iniciativas são adotadas por outros de tal maneira que as oportunidades para que os outros introduzam suas iniciativas no mundo não sejam obstruídas” (Biesta, 2013. p. 180).

Por essa razão, as temáticas, discussões e os sambas-enredo são construídos coletivamente via uma pedagogia crítica e acabam por ter uma intensa carga política (Arce, 2005) por representar “uma série de temáticas e situações vividas pelo público infanto-juvenil nos âmbitos local/regional, nacional e internacional” (Fernandes, 2016. p. 14).

3.2. Barracão, ou “todo mundo junto, pondo a mão na massa”.

Para garantir o tom carnavalesco do Bloco são realizadas oficinas de produção denominadas “Barracão”, que servem como espaço-tempo para a montagem dos adereços, alegorias, figurinos, faixas e toda produção artística do desfile.

“Acho que tem uma coisa que eu tô muito ligado, que é o barracão, que tem encontros pra organizar e é muito importante, porque todo EURECA tem um barracão que é um lugar pra poder produzir arte e dar visibilidade pro que está escrito e desenhado, como é pensado e da onde vem esse pensamento. Vem das formações, das crianças, do que elas passam nas ruas. E assim vão surgindo frases, vão surgindo imagens e como fica lindo aquilo no bloco. E todo mundo fazendo junto, pondo a mão na massa ali e depois ver no bloco é lindo!” (C, 19 anos).

Um cuidado especial é dado para estes momentos, pois serão eles que, como nos diz B., produzirão os materiais que darão visibilidade ao Bloco, garantindo um sentido estético próprio que “canaliza uma disposición lúdica y alegre que impregna los repertórios de la movilización y retiene la suficiente eficácia simbólica para testimoniar los malestares que nutren la experiência cotidiana de ser joven em um sector popular” (Bonvillani, 2015. p. 1606). São confeccionadas faixas com palavras de ordem e com o tema do Bloco, preparados stencils que serão utilizados no dia do desfile, adereços corporais, brinquedo artesanais e customização dos instrumentos de percussão, tendo em vista que são as múltiplas cores, desenhos e imagens que “encarnan y expresan identidades políticas alternativas” (Juris, Pereira e Feixa, 2012 . p. 35).

Aposta-se que o Barracão, como momento de convivência e produção de arte carnavalesca, é “uma afirmação na potência – própria do carnavalismo – da tessitura de territórios existenciais e subjetivos que se fazem na contramão das capturas e serializações que são incessantemente engendradas pelo capitalismo cultural” (Garcia, 2011), um momento de produção de valores de uso que cria condições subjetivas, estéticas e políticas para o momento de ir as ruas.

3.3. Nas ruas, pelos direitos.

“Quando eu era criança, (o EURECA) era um dos poucos lugares que brincava, que eu podia brincar sem me preocupar com o que estava acontecendo. Geralmente quando eu brincava, eu brinquei até os 15 anos, pouca menina da minha idade brincava e no EURECA era um dos poucos lugares que eu podia me expressar de uma maneira alegre e ao mesmo tempo falando coisa séria e onde eu tinha a sensação de que tava sendo ouvida sabe, que as pessoas realmente estavam olhando pra mim.” (S, 19 anos).

O momento de concentração do Bloco é sempre importante. É aí, enquanto não se iniciou o desfile, que os integrantes têm a possibilidade de se conhecerem, se reverem e estreitar laços.

“B (10 anos) – Pra mim é muito bom porque todo mundo luta pela mesma luta, né? Sabe o motivo porque tá ali por estar lutando.

D (11 anos) – Por tar lutado e se divertindo, às vezes a gente conhece mais pessoas, fica com mais amigos e...

B – Reconhece mais quem é que tá junto com nós, conosco, que luta, que luta com nós.”

Eis que alguém sobe no carro de som e chama o grande grupo. A bateria começa a tocar, regida, como espera uma tradição ainda não instituída, por uma jovem. Seus gestos: sinal para começar, mudar a velocidade, trocar de breque, para finalizar. A não ser por uma breve pausa no meio do desfile, o andamento é contínuo, samba-enredo sem parar.

“A gente se entrega pro ritmo e deixa o ritmo levar.” (D, 9 anos)

A bateria vai ocupar o lugar de instaurar um ritmo vital que leve os participantes pelos impulsos do som: ritmo do surdo (tambor de som grave), ritmo do coração. A música sustentará o ânimo e a disposição, despertará o tempo da criação coletiva (Muñoz e Marin, 2007).

As alas se formam na mistura de cores de camisas e adereços: Vermelho e preto, laranja e azul, amarelo e azul. As crianças ocupam o espaço e brincam,

cantam, conversam, se juntam aos artistas presentes e experimentam o malabares, o bambolê, as bandeiras, riem. As crianças, compondo a comissão de frente, dançam em homenagem as mulheres que lutaram. Os jovens seguem juntos, operários em construção, como nos contam A. e F.

“A – acho que foi a ala do “construindo a desconstrução” que foi feita só com adolescentes e que a gente fez um pequeno teatro durante o Bloco EURECA. E foi muito bom porque tava todo mundo junto e se ajudando (...).

F – (...) o tema da ala era muito disso. Era construindo uma desconstrução. Era construir alguma ideia de desconstrução, não essa que as pessoas acham que, essa desconstrução que as pessoas têm, só pra não ter um pensamento preconceituoso específico acha que tá totalmente desconstruída. Foi construir um jeito de se desconstruir pra poder pensar algo. Essa ala foi pesada por jovens,”

As pessoas que assistem ao desfile, talvez curiosas, talvez tímidas, talvez sem compreender o que um monte de crianças e jovens estão fazendo em uma manifestação política entram no desfile, outras cantam junto e mandam seus cumprimentos, outras ainda xingam, reclamam, desaprovam, são poucas, mas marcam. Os integrantes da bateria vêm pedir água, e os adultos assumem a sua função: sustentar a expressão e a voz das crianças e jovens.

“O adulto no EURECA desse ano foi pra apoiar os adolescentes e os jovens pra que tenham essa fala. Não foi pra representar ou pra falar por eles. (...) Não foi para isso, foi pra ajudar e auxiliar os adolescentes e as crianças chegarem nesse lugar. Então, o EURECA inteiro desse ano foi por isso, por participação de crianças e jovens na construção da cultura e dos direitos sociais.” (F. 15 anos).

O desfile segue e aparecem tentações: no centro comercial de São Bernardo, as crianças e jovens não escondem seus olhares às inúmeras lojas de roupas, material escolar, sapatos, jogos, etc e comentam como o preço dali é mais barato do que em São Vicente. Já em São Vicente o canto do mar e a promessa de um mergulho rápido marcam quem não tem chance de viver em um prédio de luxo próximo as praias do litoral paulista.

O término do desfile é a hora de usar as últimas forças: as pessoas já estão ficando cansadas e muitos começaram a ir embora, efeito de caminhar sob a céu aberto. Mas o desfile só acaba quando se chega no fim, e a luta exige resistência.

“F – (...) a gente tava lá, tocando, e começou a chover e tipo, choveu muito. E as pessoas estavam tocando, no final do Bloco e começou a chover muito. E as pessoas começaram a tocar mais alto, a gritar mais, a se movimentar mais e

mostrar que tava lá, sabe? Mostrar que tava lá por um objetivo, com uma resistência de: eu to aqui. Eu to tocando, eu to mostrando o que eu vim fazer, eu não vim aqui só pra ficar brincando ou só pular num bloco carnavalesco

A – Até que a N. tinha escrito na bochecha “resistência” e mesmo na chuva não apagou, continuou ali, no Bloco inteiro”.

Se, como define Rancière, a política “ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo” (2009, p. 16-17) o EURECA mostra-se como um dispositivo que engendra um território fértil para a produção de subjetividades políticas de crianças e jovens as quais, profanando o uso da cidade e de seus dispositivos públicos, “mantienen la fuerza de una ética colectiva que possibilita des-identificarnos con los discursos de la colonialidad.” (Botero, 2013. p.334).

“Nos dá a voz, dá muita voz pra gente e é algo que fortalece sabe? Que faz a gente pensar que a gente não tem aquele papel de por ser adolescente tem que ser imaturo, ser uma criança não pode pensar ou criticar que sua opinião não é válida.” (A. 13 anos).

Sair as ruas com o Bloco é “uma quebra do padrão. Porque a gente geralmente faz em centro, aí tem muitas pessoas, geralmente passa carro, tira aquela cidade apagada, aquela cidade calada.” (S. 19 anos).

“Porque se você passa, só passa, sem fazer nada, você só ta passando, mas quando você passa com um bloco tocando, as pessoas já olham na hora, ficam curiosas, vem a bateria e ficam “o que é isso??”. Elas vêm as crianças dançando e falam “que legal, vamos juntar”. É de um outro lugar.” (C. 19 anos).

A saída as ruas, o gesto de desfilar é um momento em que culmina todo um processo de leitura da realidade e mudança de relação com o mundo, passando pelo conhecimento da existência de direitos, da confrontação destes com a realidade de suas vidas, do reconhecimento da necessidade de afirmá-los e no deslocamento para um novo modo de se enxergar o sentido da política e do modo de realiza-la (*i.e.*, subjetivação política).

“Eu queria contar que o EURECA me proporcionou conhecer outros lugares e outras pessoas (...) que realmente estão aí para lutar, que não é só aqui na minha cidade, não é só em São Vicente que acontece isso, tem lá em outros lugares pessoas que passam por isso e que tão lutando por isso e que a gente pode chegar até lá e todo mundo junto pode lutar por isso.” (B. 19 anos).

Com isso, o Bloco pode ser compreendido de dois modos, em dois planos. Em um plano molar, o ato de reconhecer o que lhes oprime, conhecer

seus direitos e os dispositivos institucionais que os legitimam aliado a processos de formação crítica/estética, possibilita uma saída as ruas que busca marcar uma defesa da cidadania, dos direitos humanos e reivindicar um outro modo de mirar e compreender as infâncias e juventudes, colocando corpos e vozes no aberto do espaço público, enunciando para si e para outros de sua condição política, ativamente realizando a partilha do sensível (Rancière, 2009). Em um plano molecular, as relações transversais entre corpos, rua, cor, cidade, música, alegorias e histórias produzem desidentificações que se traduzem reordenando as formas de ser e estar no mundo. São acontecimentos que, desterritorializando as subjetividades infantis e juvenis colonizadas e silenciadas, as reterritorializam politicamente, transgredindo os saberes e poderes adultos, de modo que estes não conseguem conceber.

4. Anseio de continuar nessa busca.

O processo de construção e realização do Bloco EURECA, como tentei mostrar, é um campo de ação coletiva importante na subjetivação política de crianças e jovens. Implicados de diferentes formas e em diferentes graus nas discussões, ensaios, produções alegóricas que culminam com os desfiles, o processo acaba por produzir acontecimentos que abrem caminho para outros modos de relação e colocam as crianças e jovens como sujeitos políticos ativos no jogo de forças da produção de um comum (Alvarado, Osipina-Alvarado e León, 2015).

Estas afirmações, no entanto, são apenas pistas que apontam para uma necessidade de insistirmos em investigar as relações entre política, juventude e infância, não somente no que se refere aos discursos que legislam sobre a vida destes, mas sobre os movimentos e gestos de resistência ao confinamento, ao extermínio, a invisibilidade, ao silenciamento e sobretudo, os gestos de afirmação de outras lógicas de resistência, mais vitais (Arce, 2015)

Como nos diz Viveiros de Castro (2019), nessa inversão característica do carnaval, talvez nem tudo volta a ser como era antes, as coisas e as pessoas nem sempre voltam ao seu lugar. Agora:

“Eu me sinto fora de uma bolha (...) tá todo mundo junto por uma causa que é a mesma: tá todo mundo discutindo, todo mundo cantando, todo mundo brincando.” (A, 13 anos)

Bibliografía

- Alvarado, S. V., Ospina-Alvarado, M. C., & Sánchez, M. C. (2015). Construcción social de la subjetividad política de niños y niñas en contexto de conflicto armado: Acción colectiva en la escuela como alternativa de paz. En R. Unda, L. Mayer, & D. Llanos, (Eds.), *Socialización escolar: Procesos, experiencias y trayectos* (pp. 101-122). Quito, Ecuador: Abya Yala/CLACSO/CINDE.
- Arce, J. M. V. (2005). El futuro ya fue. Juventud, educación y cultura. *Anales de la educación común*. Buenos Aires, tercer siglo, nº 1-2, septiembre.
- Arce, J. M. V. (2015). Las voces de la calle... y de las redes sociales, los movimientos juveniles y el proyecto neoliberal. En: *El sistema es antinosotros. Culturas, movimientos y resistencias juveniles*. P. 29-67. Ciudad de México, D.F.
- Ariès, P. (1978). *História social da infância e da família*. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT.
- Barros, L. P; Kastrup, V. (2012). Cartografar é acompanhar processos. In: Passos E; Kastrup V; Escóssia, L. *Pistas do método da cartografia*, Porto Alegre: Sulina.
- Bonvillani, A. (2010). Jovenes Cordobeses: uma cartografia de su emocionalidad política. pp. 27-44 . Colombia: Universidad Central. *Nómadas* (Col), núm. 32, abril.
- Bonvillani, A. (2013). CUERPOS EN MARCHA: EMO CIONALIDAD POLÍTICA EN LAS FORMAS FESTIVAS DE PROTESTA JUVENIL. *Nómadas*. (Octubre).
- Bonvillani, A. (2015). Habitar la Marcha: notas etnográficas sobre una experiencia de protesta juvenil. pp.1599-1612. Bogotá. Universidad Psychologia. V.14. nº5.
- Bourdieu, P. (1990). Sociología y cultura, Grijalbo/Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, México DF.
- Borges, A. (2003). *Tempo de Brasília: Etnografando lugares-eventos da política*. Rio de Janeiro. Relume Dumará, Núcleo de Antropologia da política/UFRJ.

- Botero, P. (2013). Subjetividades colectivas em resistencias inter-generacionales e inter--culturales. Em: Gomez, P. B; Palermo, A. I. (Coord). *La utopía no está adelante: generaciones, resistencias e instituciones emergentes*. 1a ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO: Asociación Argentina de Sociología;;CINDE y Universidad de Manizalez.
- Brasil. (1990). *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.
- Biesta, G. (2013). *Para além da aprendizagem: Educação democrática para um futuro humano*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- Castro, L. R. (2013) As crianças e a política: o que a infância tem a ver com a democracia? Em: *O futuro da infância e outros escritos*. - 1. ed. - Rio de Janeiro: 7Letras.
- Cohn, C. (2013). Concepções de infância e infâncias: um estado da arte da antropologia da criança no Brasil. *Civitas*: Porto Alegre. v. 13 n. 2 p. 221-244 maio-ago.
- Corazza, S.M. (1998). A roda do infantil. *Educação & Realidade*. Porto Alegre: 23(1): p.87-141.
- Fernandes, C. O. (2016). *Bloco EURECA: Uma marca para a educação social*. Dissertação de mestrado profissional. São Paulo, Universidade Anhanguera de São Paulo.
- Feixa, C. (2006). Generación XX. Teorías sobre la juventude em la era contemporánea. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*. Vol, 4. Nº2.
- Feixa, C; Fernández-Planells, A; Figueras-Maz, M. (2016). Generación Hashtag. Los movimientos juveniles en la era de la web social. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14 (1), pp. 107-120.
- Feixa, C; Leccardi, C. (2010). O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Revista Sociedade e Estado*. Volume 25, número 2. Maio/agosto.

- Garcia, M. L. (2011). O rigor ético-político do carnavalismo: apontamentos para uma clínica no contemporâneo. In: Lopes, K. J. M; Carvalho, E. N; Matos, K. S. L. (Org.). *Ética e reverberações do fazer*. p. 93-109. 1aed.Fortaleza: UFC..
- Graciani, M. E. (1997). *Pedagogia Social de Rua*. São Paulo - Cortez, Instituto Paulo Freire.
- Graffigna, E. B. (2005). Infancia em Indefensión. *SALUD COLECTIVA*, Buenos Aires, 1(3): 253-284, septiembre – diciembre.
- Kastrup, V; Passos, E. (2013). Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal, Rev. Psicol.* [online]. vol.25, n.2, pp.263-280.
- Juris, J. S; Pereira, I; Feixa, C. (2012). La globalización alternativa y los 'novísimos' movimientos sociales. *Revista del Centro de Investigación*. Universidad La Salle, vol. 10, núm. 37, enero-junio, pp. 23- 39.
- Leite, M. L. M. (2016). A infância no século XIX segundo memórias e livros de viagem. Em: *História social da infância no Brasil*. São Paulo: Cortez. p 31-68.
- Mintz, S. (2008). Reflection on age as a category of historical analysis. *Journal of the History of Childhood and Youth*. V. 8. P. 91-94.
- Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua; Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas; Núcleo de Estudos da Violência da Universidade de São Paulo. (1991). *Vidas em Risco: assassinatos de crianças e adolescentes no Brasil*. 2ªed – Rio de Janeiro. MNMMR, IBASE, NEV-USP.
- Muñoz, G; Marin, M. (2007). Em la música están la memoria, la sabiduría, la fuerza... *Revista Colombiana de Sociología*. Nº28. P 199-223.
- Oliveira, W. F. (2004). *Educação Social de Rua: as bases políticas e pedagógicas para uma educação popular*. Porto Alegre, Artmed.
- Organização das Nações Unidas. (1990). *Convenção sobre os Direitos da Criança*.

- Perez, J. R.R ; Passone, E. F. (2010). Políticas sociais de atendimento às crianças e aos adolescentes no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*. vol.40 nº.140 São Paulo Maio/Ago.
- Pereira, A. (2011). A educação no movimento nacional de meninos e meninas de rua: A Contribuição do Projeto Axé na legitimação da Pedagogia Social de Rua. *Educação em Revista*, Marília, v.12, n.2, p. 125-144, Jul.-Dez.
- Sáinz, J. p. P. (2005). Estado y mercado em América Latina: uma mirada desde las desigualdades. *Nueva Sociedad*, nº21, mayo-junio.
- Sosenski, S. (2015). Enseñar historia de la infancia a los niños y niñas: ¿para qué? *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v.7, n.14, p. 132- 154, jan/abr.
- Sosenski, S. (2016). Dar casa a las voces infantiles, reflexiones desde la historia. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14 (1), pp. 43-52
- Viveiros de Castro, E. (2019). *Brasil, país do futuro do pretérito*. Série Pandemia. n-1 Edições: São Paulo.
- Vommaro, P. (2014). La disputa por lo público en América Latina: Las juventudes en las pretoestas y en la construcción de lo común. *Nueva Sociedad*, nº251, mayo-junio.

Anexo I

Fotografias dos desfiles do Bloco EURECA



Foto 1: desfile EURECA 2019, em São Bernardo. Disponível em:
<https://www.facebook.com/eurecanarua/photos/a.2331051153585742/2331060076918183/?type=3&theater>



Foto2: desfile EURECA 2000, em São Bernardo. Disponível em:
<https://www.facebook.com/eurecanarua/photos/a.713040465386827/713043802053160/?type=3&theater>



Foto 3: desfile EURECA 2019, em São Bernardo. Disponível em:
<https://www.facebook.com/eurecanarua/photos/a.2331067460250778/2331070713583786/?type=3&theater>



Foto 4: desfile EURECA 2017, em São Vicente. Disponível em:
<https://www.chegadetrabalho infantil.org.br/noticias/materias/bloco-de-carnaval-eureca-abordacoes-nas-escolas-publicas/>



Foto 5: pré-desfile EURECA 2019, em São Vicente. Disponível em: <https://www.facebook.com/projeto.camara/photos/a.2624689257559931/2624700717558785/?type=3&theater>



Foto 6: desfile EURECA 2015, em São Vicente. Disponível em: <https://www.facebook.com/projeto.camara/photos/a.1001258076569732/1001262209902652/?type=3&theater>



Foto 7: desfile EURECA 2018, em Sapopemba (São Paulo). Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2181354828856146&set=pcb.2181354992189463&type=3&theater>



Foto 8: desfile EURECA 2015, em Sapopemba (São Paulo). Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1503626829962286&set=a.1399266717064965&type=3&theater>



Foto 9: Barracão EURECA 2016, em Sapopemba (São Paulo). Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1708371536154480&set=pb.100009449505958.-2207520000.1560608300.&type=3&theater>



Foto 10: Formação de crianças e adolescentes - EURECA 2015, em São Bernardo. Disponível em: <https://www.facebook.com/eurecanarua/photos/a.901989486491923/901990936491778/?type=3&theater>